

Um historiador entre a Retórica e a Crítica: Francisco Adolfo de Varnhagen e a invenção da moderna historiografia brasileira.

Taíse Tatiana Quadros da Silva (mestranda UFRJ – Bolsista Cnpq)

*Uma das maiores empresas do mundo (dizia o conde da Ericeira, D. Luiz de Meneses) é a resolução de escrever uma história, porque além de inumerável multidão de inconvenientes, que é necessário que se vençam, e de um trabalho excessivo...no mesmo tempo em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se obtido formar o instante, vencer a lição, assentar o estilo, colher as noticias, lançar os borradores, ter-as em tempo, confôr-as e apural-as, quando quem escreve se anima na empresa... então começa a ser rio, e rio julgado com...excessiva tyrania.*¹

É com este excerto do prefácio da obra *Portugal Restaurado*, escrita pelo 4º Conde de Ericeira em 1698, que Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) começa também a prefaciar sua *História Geral do Brasil*. Escrita entre 1854 e 1857 (primeiro e segundo volumes), esta obra teria uma reedição estabelecida seu autor em 1877, onde certas modificações seriam indicativas de escolhas decisivas para a melhor realização das finalidades a que visavam aquela narrativa.²

Escolhidas para figurar na abertura do tomo de 1857 da sua *História Geral*, as palavras do historiador português evocam os efeitos da recepção de seu primeiro volume, publicado três anos antes. Estas palavras, advindas de um historiador célebre, mas já de outrora, tornam-se maleáveis à manipulação do historiador brasileiro que pode incluí-las ao próprio texto como uma ressonância de suas próprias idéias. Entretanto, a facilidade em evocar palavras distantes na defesa dos próprios argumentos, solidarizando um ausente com o que este não pode avaliar, configura um blefe: estaria Varnhagen, solitário na concepção de sua obra? A recepção romântica fora sem dúvida implacável com os posicionamentos anti – indianistas do historiador e, apesar de dedicar sua história ao Imperador, este levou praticamente vinte anos para condecorá-lo por seus serviços em benefício do Brasil.³

¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de *História Geral do Brasil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol.II (Imprensa de J. Del Rio), MLCCCLVII (1857). Prefácio. p.V.

² VISCONDE DE PORTO SEGURO. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª edicao. RJ, Editora Laemmert [s.d]. 1877.

³ A recepção nos quadros do IHGB pelos articuladores do indianismo é apresenta em GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico

Contar ainda com a tradição historiográfica portuguesa para prefaciар sua história do Brasil aponta também para outra contradição tensa de nosso autor: o de fazer parte de dois Estados que se opõem. O Brasil, como pátria de nascimento e também como escolha intelectual, nunca atenuou em Varnhagen a presença da erudição lusa que ele adquirira em seus anos de formação e em sua experiência nos meios aristocráticos daquele país. Ocupava o historiador, assim, uma posição difícil em um tempo de tão severa recusa das heranças lusitanas e de tanta afirmação dos aspectos autóctones.

De fato, entre os conflitos latentes na *História Geral do Brasil*, uma obra tão cara aos interesses da monarquia brasileira e composta, ainda, em meio aos debates intelectuais sobre as idéias de nação, estaria uma certa lusofilia inevitável, mesmo que estrangida pelos imperativos da escolha adulta pela brasilidade. Assim, cercar Varnhagen por sua obra é também ter em vista estes dois mundos, observando como, intelectualmente, o historiador expressou aspectos de um e outro, modificando-os conforme as contingências.

Voltemos ao prefácio da *História* nacional e brasileira de nosso autor, marcada pelos respeitos à autoridade de Ericeira. Como afirma Varnhagen, para ambos os historiadores, não seriam ignorados, ainda que diversos, certos trabalhos e coações da edição do texto histórico. O historiador não seria apenas o autor de um texto, mas ele também estaria presente na fabricação de um objeto.⁴ Ericeira retoma, ainda, em seu mesmo prefácio, outro aspecto relacionado aos artifícios de representação do passado. Afirmaria D. Luis de Meneses:

Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 388, jul./set., 1995. Sobre os títulos nobiliárquicos de Varnhagen, pode-se consultar as correspondências que este teria enviado ao imperador e que estão compiladas por Clado Lessa. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*. Coligida e anotada por LESSA, Clado Ribeiro. INL/NEC: Rio de Janeiro, 1961.

⁴ Como destaca CHARTIER em sua análise sobre as circunstâncias relacionadas ao problema de se ter o “livro” como objeto da História Cultural: “Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos. A distância, que é justamente o espaço no qual se constrói o sentido – ou os sentidos -, foi esquecida com demasiada frequência, não somente pela história literária clássica, que pensa a obra em si mesma como um texto abstrato, cujas formas tipográficas não importam, mas também pela *Rezeptionsästhetik* que postula, apesar de seu desejo de historicizar a experiência que os leitores têm das obras, uma relação pura e imediata entre os “sinais” emitidos pelo texto – que jogam com as convenções literárias aceitas – e o “horizonte de expectativa” do público ao qual são endereçadas. Em tal perspectiva; o “efeito produzido” não depende absolutamente das formas materiais que sustentam o texto. No entanto, elas também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto e para atrair novos públicos ou usos inéditos.” CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. A História entre Certezas e Inquietude. Editora da Universidade/ UFRGS: Porto Alegre, 2002. p. 71.

*"Julgo por muito errada a opinião comum, que assenta que a história é paralelo da pintura: porque he tanto mais privilegiado o pintor que o Escriitor, que teve lugar Apelles [sic], pondo em publico uma figura sua que havia pintado, de lhe emendar a roupa, que hum arteficio dellas lhe condenou por imperfecta, e de castigar a cusada de outro, que não sendo pintor se atreveu a arguir-lhe o perfil da figura. Não é concedido aos escritores tanta liberdade, porque no mesmo ponto que os senetes de prelo acalarão de sellar a história que escreveram, logo perderam toda acção de emendala, e na dificuldade de satisfazer a um Mundo de juízos diversos, fica provado o desengano, de que não pode haver história bem avaliada de todos."*⁵

Entre o pintar e o escrever não haveria paralelo, ao menos no que respeitaria à possibilidade de emendar o que se fez. Os modernos “tipos” seriam algozes de idéias e o historiador, uma vítima da polifonia moral. Não sofreria o historiador, segundo Ericeira, de alguns “inconvenientes” da modernidade? De qualquer forma, Ericeira destaca dois aspectos incontornáveis: nem lê-se mais história manuscrita, nem se goza, para escrevê-la, de uma moral absoluta.

Varnhagen, um século mais tarde, embora desejasse consagrar-se perante um distinto auditório, não almejava agradar facilmente. Compreendia que à historia, enquanto empresa moral e meio de restauração da justiça, advinha a tarefa da elucidação da verdade, como enuncia nesta passagem de seu preâmbulo:

*"Por quanto, além de que menos mérito teria qualquer empresa, quando em vez de trabalho e de trabalhos ella só fosse de gozos e de prazeres, recommenda um conhecido moralista que nos proximamos contra os autores de certas obras em que, no momento de apparecerem, o publico só encontra que applaudir, pois o que isso geralmente prova é que taes autores escreveram menos com o intento de corrigir opiniões erradas, do que de angariarem applausos, radicando ás vezes ainda mais com a sua autoridade o erro e a injustiça."*⁶

A prerrogativa moral da verdade e da justiça se consolidaria através da relação privilegiada que o historiador manteria na sua aproximação do passado. A historia, tal como Varnhagen nos apresenta, esclarece, orienta, ajuíza. Contudo, autoridade da historiografia produzida por ele não pretendia fundamentar-se simplesmente em argumentos apriorísticos. O saber histórico estaria relacionado ao conhecimento, mediado pela técnica, de registros do passado. Por esta via, escreveria o historiador brasileiro, uma história da “civilização” que conciliaria, com os rigores da crítica filológica e paleográfica à perspectiva filosófica. Conforme Varnhagen mesmo nos indica, esta forma de relação com o passado, seria, no contexto da escrita da *História Geral*, um projeto bastante definido, embora suscitasse ainda inúmeras questões:

⁵ MENEZES, Luis de. (Conde de Ericeira) *História de Portugal Restaurado*. Officina de Miguel Deslandes: Lisboa, 1698.s/ n. de página.

⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol.II (Imprensa de J. Del Rio), MLCCCLVII (1857). Prefácio. p.VI.

*"Primeiro que tudo, ponderava em 1838 o illustre e digno philo-brasilico Ferdinand Denis, é da mais alta importância que os documentos que constituem a história de paz sejam afim recolhidos. Para que as theorias diárias sejam úteis, é preciso offercer-lhes uma base, ou para melhor dizer, um ponto de partida." Quase pelo mesmo tempo se creava no Brazil o Instituto Histórico, e sem conhecimento deste facto existia em nós, então na Europa e ainda frequentando as aulas, o pensamento atrevido (confessamol-o) da empresa desta obra: e já os estudos preparatórios para um dia a realizar, começados dois para três annos antes, produziam preliminarmente, não só as reflexões criticas á obra de Soares, concluidas (e apresentadas ao vice-presidente da Academia das sciencias de Lisboa pelo dignissimo bispo conde de S. Luiz, depois cardeal-patriarcha) em meado de 1838, como a publicação do diário de Pero Lopes effectuada no anno seguinte."*⁷

Quando da publicação da primeira edição da *História Geral do Brasil*, entre 1854 e 1857, a possibilidade da escrita de uma história do Brasil era atravessada por muitas tensões. Tensões quanto ao método e tensões quanto à forma - havia que se lidar, através da escrita e edição, com diversas questões respeitantes à formação da nacionalidade brasileira. Defini-la, por meio da história, não significava apenas oferecer-lhe uma interpretação, mas também, através da exposição histórica, garantir-lhe uma coerência, submetendo a nação imaginada à lei do livro. A tarefa editorial, da qual Varnhagen participou ativamente, exigia esse compromisso em adequar a lógica do objeto; àquela defendida à própria realidade. A representação livresca do Brasil devia exprimir seus contornos, desenhá-lo e Varnhagen o procurou fazê-lo, perseguindo por essa harmonia, edição após edição de sua *História*.

Em suas duas edições, um aspecto pode ser destacado como decisivo na conformação da obra *História Geral do Brasil*. A recepção da *História Geral* foi uma preocupação sempre constante de seu autor e, por essa razão, a história erudita que ele pressupõe, deveria ser adequada às exigências de seu público esperado. E seria por considerar as disposições de seus leitores, ainda, que uma história sucinta fazia-se ideal. Isto, entretanto, implicava à representação historiográfica um prejuízo da exposição erudita em vantagem da narrativa, o que exprime um conflito entre os princípios que permitiriam a construção da própria historiografia moderna no Brasil oitocentista.

Também a finalidade pedagógica, expressa por esse duplo objetivo de conciliar a forma historiográfica à expectativa de um público leitor e, ainda, estabelecer a analogia entre a nação e sua representação livresca pode ser apontada como uma característica fundamental. O Prefácio, adicionado por Varnhagen ao tomo segundo, retomaria essas premissas apresentando, ainda, elementos que lhe tornariam mais agudas as qualidades. Naquele, o autor retoma o

⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol.II (Imprensa de J. Del Rio), MLCCCLVII (1857). Prefácio. p.VI-VII.

problema da convergência entre apresentação erudita e construção harmônica da obra, como podemos observar em vista do seguinte excerto:

*"A posteridade decretará as produções que hão de aparecer escriptas em cada uma das sempreverdes folhas dessa coroa. Cusadamente nos atrevemos a assegurar que aspiraria a História Geral a entrar na competência, se na vastidão do plano e rigor da execução, houvesse a obra correspondido ao typo que concebêramos, por ventura querendo avaliar a intensidade das forças pela immensidade dos desejos. Se na conceição correspondeu o desempenho ao nosso constante propósito. E procurámos, tanto quanto nos foi possível, ser concisos, na persuasão de que não era uma história mais minuciosa a que hoje seria a mais útil, ainda quando, fero possível escrevê-la, com certa harmonia, digamos assim, em todas as suas proporções architectónicas, e que alias não seria fácil, quando algumas destas não estão ainda pouco examinadas; e tal exame tem de ser feito pouco a pouco, já pelos futuros editores de documentos inéditos, já por novos historiadores parciais, que não tardarão a aparecer. Esses principalmente, ao ter presente este todo, o avaliarão com justiça, e quase ousamos dizer que quantos mais defeitos lhe achem, isto é, quanto mais o estudem, mais apreciarão o serviço preparatório que lhe offerecemos, comprehendendo nelle as próprias notas que publicamos no fim, sob o título de Anecdotes Chronologicas."*⁸

Por fim, em seu Prefácio, o historiador apresentaria mais esta explicação sobre o estilo da sua história:

*"Acorca de estylo não daremos muitas explicações, por que talvez nem acertiásemos a nos fazer ouvir, quanto mais a entender. Apesar da grave sentença de Buffon, temos a persuasão de que, como tudo quanto é humano, o estylo depende muitas vezes das disposições do animo, originadas de causas que nem sempre está em nós remover. — Demais: no primeiro volume desta obra, principalmente, capitulo há escripto com differença de cinco ou seis annos do que lhe está visinho; segundo nel-o permittiam as occasiões de que então dispinhámos, para ir pondo em ordem, e tirando de cahos, os apontamentos que tínhamos, e que até certo ponto nos escravizavam a penna. Impossível fora pois evitar que não escapassem repetições, incorrecções e faltas de clareza, que se vão advertindo; e bem que sejam muitas, quase nos admiramos de que, ao tratar de tantos assumptos novos, precedentes de origens tão desencontradas, não mettessemos muitas mais. É pois o caso de repetir com Rousseau: « Ce n'est pas assez d'une moitié de la vie pour faire un ... livre, et de l'autre moitié pour le corriger. »"*⁹

No estabelecimento da harmonia da obra, Varnhagen se valeria ainda, para sua representação, de dois meios - o laconismo, quanto ao estilo, e a proporcionalidade entre as partes da história, como ele mesmo explicaria:

"Igualmente nos esforçamos por não ser prolixos nas narrações, nem pretenciosos nos juizes e analyses dos acontecimentos; sendo o maior empenho em commemorar, sempre com o possível laconismo, e embora com menos elegância, os factos mais importantes, e esmerando-nos em descrever com a maior exactidão e clareza. (...)"

*"Fizemos especialmente o maior empenho em guardar na obra a maior harmonia; não sendo em muitas partes mais minuciosos, somente por que dellas tínhamos á mão mais documentos, mas sim porque assim reclamava a maior importância de assunto; isto afim de que o principio e fim da obra correspondam ao seu meio."*¹⁰

Respeitando este imperativo da harmonia, na segunda edição da *História* varnhageniana, a idéia de uma forma equilibrada entre suas partes e bem organizada pela disposição de seus assuntos, suprimiria o conjunto de notas e fac-similes que o autor havia

⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol. I (Imprensa de V. Dominguez),1857. Prefácio, p. VIII. (Itálico do autor)

⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol. I (Imprensa de V. Dominguez),1857. Prefácio, p. XII.

¹⁰ Id Ibid.

adicionado aos seus dois volumes iniciais; tamanho havia sido, como ele comenta, os seus “escrúpulos” em sintetizar:

Os nossos escrúpulos em condensar foram tais que passaram até a manifestar-se materialmente na própria impressão da obra, pois, em vez de fazer avulso-la, procuramos que saísse tão compacta quanto possível, vindo a incluir em dois volumes doutrina que poderia bem apresentar-se em dez ou doze, impressos de outra forma, e ainda mais, reproduzindo em cada um deles os documentos já extensamente explicados no texto, resultando da obra muito maiores lucros em prejuizo dos câmbulos adquiridores.¹¹

Acrescentar-se à obra os documentos de que se teria valido o historiador, na composição de sua história, não era uma idéia infundada para Varnhagen. De fato, ele o havia intentando quando editara a *História* pela primeira vez. As razões pelas quais Varnhagen valorizava esta apresentação *ipsis litteris* das fontes, relacionar-se-ia à tradição paleográfica e filológica de que participava, sendo o conhecimento da forma do documento o único meio de empreender as críticas que consignariam a sua autenticidade. Esta cultura crítica, caracterizada pelo emprego da paleografia e da filologia, a qual Varnhagen se filiava, estava presente nos trabalhos do historiador já à edição das *Reflexões Críticas Sobre Um Manuscrito Intitulado Noticia do Brasil* que, em 1839, lhe havia aberto as portas da Academia Real de Sciencias de Lisboa.¹² Entretanto, tendo em vista que Varnhagen em Portugal e na academia de ciências lisboeta, relacionava-se com uma conjuntura bastante ampla de relação com os manuscritos antigos, a premiação de seu trabalho não pode ser compreendida sem que a liguemos a este ambiente, no qual estava envolvido.

A crítica erudita em Portugal, relaciona-se com o clima originado a partir de D. João V (1706-1750) e que se acentuaria com D. José I (1750-1777). Entre as medidas mais significativas dessa política está a expulsão dos Jesuítas, em 1759, cujas conseqüências seriam reforçadas ainda pela reforma da Universidade de Coimbra em 1772, com a qual os estudos jurídicos vieram a sofrer uma profunda modificação.¹³ João Pedro Ribeiro (1758-1839), doutor em Cânones e professor desta mesma Universidade fora, em 1783, tendo em vista as modificações dos estudos jurídicos, incumbido de examinar os cartórios portugueses estabelecendo, a partir de suas impressões, um sistematizado método diplomático à análise dos

¹¹ VISCONDE DE PORTO SEGURO. *Historia geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª edicao. RJ, Editora Laemmert [s.d]. 1877. p. XIV. (grifos nossos)

¹² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Reflexões Críticas sobre o escripto do século XVI impresso com o titulo de Noticia do Brasil*. No Tomo 3º da Colleção de Nt. Ultr. Acompanhadas de interessantes noticias bibliográficas e importantes investigações históricas. Lisboa, Tip. Da mesma academia. 1839.

¹³ Sobre a Ilustração em Portugal ver: SEBASTIÁN, Javier Fernández. *Péninsule Ibérique*. In FERRONE, Vincenzo & ROCHE, Daniel. *Le Monde des Lumières*. Fayard : France, 1999.

documentos que encontrara. Tornando-se, mais tarde, professor de Diplomática na Torre do Tombo, Ribeiro também, como membro da Academia de Ciências de Lisboa, seria um dos principais defensores da crítica de documentos aplicados à escrita da história.¹⁴ Varnhagen, como Alexandre Herculano, de quem o historiador brasileiro fora contemporâneo, havia sido tocado pelo “espírito” do qual Ribeiro era o mais eminente representante.¹⁵

Na *História Geral* é através da formulação de suas notas e, sobretudo, na apresentação de seus fac-similes que esta tradição erudita pode ser observada.¹⁶ A retirada, entretanto, destas partes do corpo da *História* quando da segunda edição, indicariam, não apenas o ajustamento da historiografia ao gosto de seu presumido público leitor, mas sobretudo, a proeminência de uma concepção mais narrativa da apresentação do passado em detrimento de outra; mais próxima à organização crítica dos documentos. O trabalho do historiador brasileiro, entretanto, articularia essas duas maneiras de apresentar a relação com o passado, sendo Varnhagen, no cenário brasileiro, um dos principais protagonistas do novo rearranjo desta relação, que conjugaria o método crítico a uma escrita. Cindido entre a construção de uma exposição narrativa e a execução da crítica erudita, ele se empenharia na constituição de uma história onde, o texto só poderia ser considerado se mediado pela remissão crítica às fontes, afirmando que se “Uma coisa é a História Geral (...) e outra são as actas das suas cidades e villas” esta também não poderia ser relacionada a retórica. E, este aspecto, em Varnhagen, é pontuado por dois distanciamentos: um em relação à poesia e outro em relação à eloquência; como ele exporia em seu Prefácio e em seu Prólogo, respectivamente:

“O que distingue principalmente, tratando assumptos históricos, o verdadeiro historador de poeta, é que este, que para o ser há de ter mais imaginação que fria crítica, commoede de certa maneira, cria e adapta tudo ás suas inspirações, ao passo que aquelle estuda primeiro o facto, apura-o por meio das provas que requerem seu critério, e só depois sentença com gravidade, transmittindo ao publico a sentença e os seus porquês; e claro está que da mesma forma que os sentiu, se a penna lhe sabe obedecer, - o que nem sempre succede.”¹⁷

¹⁴ Sobre João Pedro Ribeiro: BASTO, A. de Magalhães. João Pedro Ribeiro e a Historiografia Nacional. Separata do “Boletim Cultural” da Câmara Municipal do Porto. Vol.II – FASC.I – março de 1939. Edições Marânus. Porto, 1939.

¹⁵ Sobre Herculano em sua relação com João Pedro Ribeiro ver: SERRÃO, Joaquim Veríssimo. A *Historiografia Portuguesa*. III Volume. Século XVIII. Editorial Verbo, Lisboa, 1974.

¹⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol. I (Imprensa de V. Dominguez), 1854. p. 476.

¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*, isto é, do descobrimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brazil, Natural de Sorocaba. Madrid, Vol. I (Imprensa de V. Dominguez) 1857. p. XII.

*Cada dia nos convencemos mais de que a história é uma ramo da crítica, não da eloquência; e que perante o tribunal della, o historiographo não é um juiz vortoso e florido, mas antes um verdadeiro juiz, que, depois de averiguar bem os factos, ouvindo as testemunhas, com devido criterio, deve, feito o seu allegado com o possível laconismo, sentenciar na conformidade as leis equitativas da sociedade e humana justiça.*¹⁸

¹⁸ VISCONDE DE PORTO SEGURO. *Historia geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª edicao. RJ, Editora Laemmmert [s.d]. 1877, Tomo I. p. XII.